

TENSÕES ENTRE O DISCURSO OPRESSOR E A LIBERDADE SEXUAL

Haydeé Tainá Schuster¹; George Moraes De Luiz.²

¹ Estudante do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: haydeeschuster@gmail.com.

² Professor Titular do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG); doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: george.luiz@univag.edu.br.

Resumo

Neste ensaio teórico argumenta-se que o discurso opressor (médico e religioso) e o da liberdade sexual (a sexualidade Plástica e o movimento de contracultura na década de 1970, assim como o advento tecnológico das mídias de massa) possuem a mesma função de regulação social, ambos de fundo político e cultural. Para isso, serão utilizados principalmente os escritos de Foucault e Bauman, segundo os quais tanto o discurso da opressão sexual quanto o da transcendência do sexo se reforçam mutuamente, sendo que a luta pela libertação sexual faz parte do mesmo mecanismo de poder que ele denuncia. Nesse sentido, o movimento de libertação também é fonte de outras censuras que dizem respeito à sexualidade, como o estigma à figura do sujeito conservador. A partir das discussões sobre sexualidade e corpo na idade moderna e na contemporaneidade, respectivamente, assinalamos que o discurso da liberdade sexual também produz efeitos na vida das pessoas, entre elas, as queixas de angústia e insatisfação com a própria sexualidade, relatadas dentro de consultórios clínicos médicos e/ou psicológicos.

Palavras-chave: Psicologia; Sexualidade; Corpo; Modernidade; Contemporaneidade.

Abstract

This theoretical essay argues that the oppressive discourse (medical and religious) and that of sexual freedom (Plastic sexuality and the counterculture movement in the 1970s and the technological advent of mass media) have the same function of social regulation, Both of political and cultural background. For this, the writings of Foucault and Bauman, according to which both the discourse of sexual oppression and the transcendence of sex, will be reinforced mutually, and the struggle for sexual liberation is part of the same mechanism of

power that he denounces . In this sense, the liberation movement is also the source of other censures that refer to sexuality, such as the stigma of the conservative subject. Respectively, pointing out that the discourse of sexual freedom also has effects on people's lives, among them, the complaints of anguish and dissatisfaction with one's own sexuality, reported in a doctor's office Medical and / or psychological.

Key Words: Psychology; Sexuality; Body; Modernity; Contemporaneity.

Sexualidade e corpos: entrelaçamentos iniciais

O discurso opressor (médico e religioso) e o da liberdade sexual (inicialmente com a sexualidade plástica, vem ganhando força com o movimento de Contracultura na década de 1970 e o advento tecnológico das mídias de massa) possuem a mesma função de regulação social, ambos de fundo político e cultural. Para isso, serão utilizados principalmente os escritos de Foucault (1998) e Bauman (1998), segundo os quais tanto o discurso da opressão sexual, quanto o da transcendência do sexo se reforçam mutuamente, sendo que a luta pela libertação sexual faz parte do mesmo mecanismo de poder que ele denuncia. Nesse sentido, o movimento de libertação também é fonte de outras censuras que dizem respeito à sexualidade. A partir das discussões sobre sexualidade e corpo na idade moderna e na contemporaneidade, respectivamente, assinalamos que o discurso da Liberdade sexual também possui suas implicações, visto que essas chegam diariamente como queixa de angústia e insatisfação com a própria sexualidade dentro de consultórios clínicos médicos e/ou psicológicos (RUSSO, 2008;ROHDEN, 2009).

Para Foucault (2008), a história é essencialmente descontínua, envolvendo uma crítica à história contada apenas pelos influenciadores da época. Nesse sentido, o historiador deve se preocupar com a representação e o conhecimento envolvido nas práticas sociais, sendo o discurso o conjunto de enunciados que representa esse conhecimento e se tornam condição de existência. Não se trata de atribuir valores como bons ou ruins, ou sentido de verdade, mas compreender a história e os motivos que levam determinado discurso a se tornar tão influente em um contexto específico. Começaremos contando, brevemente, a história da sexualidade.

O termo *sexualidade* foi inventado a partir do século XIX pelas ciências médicas e ressignificado, posteriormente, no final do mesmo século, na psicanálise, incluindo os aspectos psicológicos (GIDDENS, 1993). Em pesquisa no dicionário Houaiss, o termo sexualidade é descrito como:

“Sexualidade”: s. f; 1. Qualidade ou característica do que é sexual; 2. Caracteres que determinam o sexo (1) dos seres vivos; 3. Psic. Comportamento humano com relação à libido e suas manifestações (HOUAISS, 2009, s/p).

Ao pesquisar outros dicionários, como Aurélio (2010) e Michaelis (2016), o item “c” não aparece. Ou seja, ainda existe uma visão reducionista da sexualidade, atrelando-a somente ao sexo, sendo essa apenas uma das inúmeras expressões da sexualidade ligada apenas aos aspectos biológicos.

Por outro lado, o discurso do senso-comum acredita que a sexualidade é algo natural, por isso ele se relaciona à procriação, tendo como consequência natural o sexo, sendo as outras dimensões consideradas um emaranhado de história, cultura e sociedade (FOUCAULT, 1998; LOURO, 2000). Uma das peças que compõe a sexualidade são a própria intimidade e como as pessoas se relacionam entre si, sendo essas fundamentais para compreensão da vida sexual. A intimidade passou a ser compreendida como mútua revelação sobre si mesmo, o que pressupõe um compromisso que deve ser evitado, pois a revelação sobre os aspectos subjetivos e íntimos faz com que o outro adquira certo poder. Esse entendimento da intimidade resulta que as relações sexuais passem para um *status* de uma relação diferente dos vínculos interpessoais (BAUMAN, 1998; GIDDENS, 2002).

A mudança da intimidade entre as pessoas foi um dos fatores essenciais para a modificação de como se relacionam sexualmente. As relações passaram a ser um investimento, e o estranho, passou a ser aquele que se infiltra na rigidez da rotina (BAUMAN, 1998). É um tabu irrevogável, visto que algum aspecto da sexualidade sempre será censurado, mudando conforme as épocas. Dessa maneira, parte-se da premissa de que a sexualidade é construída socialmente: é a sociedade que irá normatizar o que pode ou não ser feito no que se diz respeito às práticas sexuais (GIDDENS, 1993; LOURO 2000).

Ela funciona como um ponto primário de ligação entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais (GIDDENS, 1993). Por esse motivo, a história e o conceito de corpo se entrelaça ao da sexualidade, em todas as épocas, como se não pudessem ser desvinculados e são esses conceitos que serão trabalhados para a compreensão dos discursos vigentes e de controle com cada época. “Estariamos então libertados desses dois séculos onde a história da sexualidade deveria ser lida como uma crônica crescente de repressão?” (FOUCAULT, 1999, p.11). No decorrer do Ensaio, mostraremos que em partes, ainda não.

Por conseguinte, a palavra *corpo* vem do latim, *corpus*, e significa cadáver. Sua raiz indo européia *krp* é sinônimo de *forma*. Para o ocidente, herdeiro do pensamento dual

grego, o corpo surge em oposto a sua própria sombra (SOARES, 2004). “Conhecer o corpo é uma tarefa incerta e as certezas são provisórias (...) o corpo é um processador da história” (SANT’ANNA, 2000a, p.50). Cada sociedade e cada cultura inventam seu próprio corpo, circunscreve nele a sua identidade, e é esse corpo que carregará os resquícios da história e das normas sociais as quais foram submetidos; ele resultada da cultura e da construção histórico-geográfica (RAMOS, 2010).

Ao refletir sobre o binômio liberdade-opressão, percebe-se que a Psicologia se encontra circunscrita nesse meio. Assim, se antes cabia ao padre escutar acerca das vivências sexuais das pessoas, hoje cabe ao psicólogo (FOUCAULT, 1997; 1999). O discurso médico normatiza as práticas, domando os corpos e utilizando-se da ordem e da disciplina para regularizar qualquer atividade, incluindo as sexuais. Nesse sentido, a psicologia exerce a mesma função médica de normatizar práticas e dizer ao social o que pode ser considerado saudável ou não, dentro de uma noção de qualidade de vida proposta pela OMS.

Russo (2008) explica que a sexualidade é um dos principais campos de tensionamento entre o século XIX e XX, ressaltando que atualmente a liberdade de expressão sexual é garantida pelos Direitos Humanos, que também se trata do papel dos profissionais da saúde garanti-la. A Organização Mundial da Saúde (1999) enfatiza que o exercício da sexualidade plena faz parte do bem-estar biopsicossocial e compõe um dos requisitos para se ter qualidade de vida.

O discurso sobre o corpo e a sexualidade na modernidade: de um lado a medicina e a religião; do outro, a sexualidade plástica

Para conhecer a etnicidade da história do corpo é necessário reconhecer práticas e modos do homem cotidiano de cada época (SANT’ANNA, 2000a; PRIORE, 1995). O Renascimento é o marco para o início da Modernidade, no século XVII, movimento esse no qual o homem torna-se centro de tudo, enfraquecendo o controle religioso. Foi a partir disso que houve a possibilidade do avanço da medicina, o interesse por doenças e pelo funcionamento do corpo, tornando-se esse último, objeto de estudo e de modificações (COSTA, 2011; SANTI, 2005). Foi um importante período, pois a nudez que pôde ser estudada pelos médicos a partir da fisiologia (GIDDENS, 2002), visto que antes, os corpos deveriam estar sempre cobertos e eram tidos como sagrados, passaram a ser desmitificados.

É com esse advento que o corpo passa a ser matéria transmutável, passível de intervenções (SANTI, 2005). As pinturas mudaram, os corpos antes retratados cobertos de camadas de roupas passaram a ser desenhados e pintados nus, com detalhes precisos de

músculos e veias (COSTA, 2011; SANTI, 2005; SOARES, 2004). É possível pensar que nessa época, as pessoas passaram a se importar mais com seus corpos e também com a sua individualidade, sendo esse o início da exposição corporal. Pode-se dizer que a partir disso, no binômio coletivo-individual, o primeiro dos termos enfraqueceu-se (CARRETEIRO, 2005).

A preocupação se desloca de apenas alimentar bem o corpo e estudá-lo para as práticas corporais assim como a sexualidade (COSTA, 2011; SOARES, 2004). Em consequência desse deslocamento conceitual, como também a mudança dos valores sociais atribuídos ao corpo, a própria sociedade começa a perceber a importância de criar códigos para o seu controle, visto que a regulamentação religiosa começa a enfraquecer (COSTA, 2011; SANTI, 2005). É nesse sentido que se instauram leis que regulamentam a exposição do corpo em locais públicos, passando também a vê-lo como algo que deve ser coberto e intocado, um tabu que deveria ser infringido apenas pela medicina, que também nortearia as práticas corporais (SANTI, 2005).

O início do controle sexual se dá pelo cristianismo, que coloca o desejo e o autoconhecimento corporal como algo sujo, cheio de pecado e restrições. Até então, o líder religioso era quem poderia ouvir os pecados e controlar as práticas sexuais, e à medida que esse controle começava a falhar, com o Renascimento, é nítido o caráter “compulsivo¹” da sexualidade (FOUCAULT, 1999; GIDDENS, 1993). Por exemplo, o homem virtuoso era aquele que não se rendia ao prazer, ligado à abstinência, à ascensão espiritual e ao amor (FOUCAULT, 1998; FOUCAULT 2005; PRIORE, 1995). Nesse contexto, seria no ato da confissão que se elaborava o discurso sobre a sexualidade da época, por meio das informações sobre as práticas sexuais produzidas exclusivamente no meio religioso e a produção a seu respeito também (FOUCAULT, 1999; GIDDENS, 1993).

A ruptura com o meio religioso proporcionou a primeira revolução sexual, proposta por Giddens (1993), a chamada sexualidade plástica, aquela na qual o sexo não possui como objetivo a procriação, porém a busca pelo prazer. Essa Revolução ocorreu no século XIX, e foi um importante advento para romper com o discurso religioso regulador das práticas sexuais (GIDDENS, 1993). Por mais que esse advento tivesse proporcionado liberdade, práticas como a masturbação e o sexo oral ainda eram repreendidos socialmente.

¹Terminologia utilizada por Giddens na obra “A transformação da Intimidade” de 1992. O autor explica que a falha do controle religioso despertou o interesse das pessoas em experimentarem o que nunca haviam feito em relação ao sexo. O caráter compulsivo é a característica que distinguirá posteriormente a sexualidade masculina da sexualidade feminina.

A sexualidade desvinculada da reprodução e vinculada ao prazer também acaba por fazer repensar no amor romântico, que vincula o sexo à monogamia (GIDDENS, 1993). A partir disso, pode-se pensar em encontros sexuais: na mulher que não necessitava casar virgem, na liberdade de ter uma relação sexual no primeiro e, às vezes, no único encontro com os parceiros, mudando as configurações da prática sexual, começando a desvinculá-la do casamento como única fonte de se conhecer a respeito da sexualidade (LOURO, 2000). Contudo, entra em cena novamente o saber médico para regular esses novos comportamentos sexuais e enquadrar as práticas como saudáveis ou patológicas. (CECCARELLI, 2000; FOUCAULT, 2000).

No século XIX, apesar da revolução da sexualidade plástica, os psicopatologistas procuravam encontrar alterações orgânicas para qualquer tipo de prática sexual que não envolvia a procriação (FOUCAULT, 1998). A necessidade de enquadramento e classificação originou uma ciência do sexo, com um cunho pedagógico que se tornou o novo normatizador das práticas, tomando o lugar do cristianismo e do psicopatologista² (FOUCAULT, 1998; LOURO, 2000; ROHDEN, 2009). Um exemplo de orientação médica da época era de que o sêmen não fosse desperdiçado através da masturbação, pois isso traria implicações à saúde do homem - como a baixa da libido, o desequilíbrio da homeostase e a perda de energia vital. (FOUCAULT, 1998; GIDDENS, 1993). O fato é que o sexo passou de um *status* de procriação para o de prazer, mas a intimidade ainda continuava sendo um sinal de opressão.

Esse tipo de pesquisa, a *Scientia Sexualis*³, foi construído pela sociedade moderna ocidental, porém sabe-se que as sociedades tradicionais⁴ também cultivavam seus próprios saberes ligados à atividade sexual (FOUCAULT, 1998; GIDDENS 1993). Apesar disso, alguns autores como Foucault (1998; 1999) e Giddens (1993) defendem que a sexualidade contemporânea foi inventada, numa mistura de religiosidade, normatização médica, sexualidade plástica e os outros adventos da contemporaneidade.

O discurso da liberdade sexual na contemporaneidade: o movimento de Contracultura na década de 1970 e o advento tecnológico das mídias de massa

²Profissionais da época que não eram médicos clínicos, mas formavam-se em medicina e estudavam o enquadramento de sintomas em uma doença.

³ Terminologia utilizada por Foucault nas obras *A História da Sexualidade I, II e III* para designar os estudos e informações levantadas à respeito da sexualidade dos indivíduos através dos séculos, formando uma espécie de Ciências da Sexualidade.

⁴Povos que são nativos e cultivam hábitos e rituais transmitidos pela via do discurso, apegando-se ao meio em que vivem. Podem ser indígenas, pessoas nascidas e criadas na mesma localidade por exemplo.

Carretero (2005) explica que o termo contemporaneidade faz referência à sociedade ocidental atual, desde o início do século XX e, por vezes, utiliza o adjetivo hipermoderno para designar o indivíduo da atualidade. Neste caso, o substantivo feminino contemporaneidade se situa entre o final do século XIX e o início do século XX até nos dias de hoje, porém cabe ressaltar que alguns autores como Bauman (2002) e Carretero (2005) utilizam as expressões *pós-moderno* como sinônimo de contemporâneo. É importante situar-se, pois é desse sujeito hipermoderno que será tratado o conceito de corpo e sexualidade.

A respeito disso, não existe um corpo contemporâneo, mas existe um lugar contemporâneo no corpo, na maneira de relacionar-se com ele e com o outro (RAMOS, 2010). Ou seja, anula-se um enquadramento que diga qual é o modelo de corpo atual, pois esses são plurais, mesmo que exista um corpo ideal veiculado pela mídia, eles são idiossincráticos. O que os unem é a generalização de comportamentos, hábitos e usos que distinguem o indivíduo contemporâneo dos indivíduos de outras épocas, sendo o maior movimento da chamada libertação sexual a contracultura.

Anterior a esses movimentos, o saber sobre a sexualidade estava atrelado somente ao casamento, cabendo a ele produzir saber sobre o sexo, pois seria o evento que marcaria a entrada do sujeito para a vida sexual ativa; antes disso, pressupõe-se que nada saberia sobre o assunto velado. Nesse sentido, após o casamento, as pessoas poderiam praticar sexo desde que não falassem sobre ele ou comentassem a respeito da sexualidade (FOUCAULT, 2005; GIDDENS, 1993). Na atualidade, ainda têm resquícios disso, como por exemplo: a maioria das mulheres não possui conhecimento sobre a própria vagina; sobre a diferença entre orgasmo clitoriano e vaginal; e desconhecem a ejaculação feminina (ROHDEN, 2009). Tem-se acesso ao sexo e às informações de maneira virtual, entretanto não é comum conhecer a própria anatomia genital. Essa desvinculação entre o casamento e o saber sobre a sexualidade só foi possível após a contracultura e a separação entre sexo e procriação.

Mesmo após o sexo ser desvinculado da procriação, ele continua sendo assunto proibido em rodas de conversas de pessoas conservadoras. Adiante, o Movimento Hippie de Contracultura, iniciada em 1968 e perdurado por uma década, foi composto de jovens que buscavam a liberdade de expressão política e social, ancorando-se aos valores sociais da época, que foi a ruptura radical entre reprodução e sexo, já havia começado com a primeira revolução da sexualidade Plástica. A pauta da diversidade sexual rompeu com a sexualidade estudada apenas pelo aspecto biológico, para também ser examinada cultural politicamente (RUSSO, 2008). Nessa época, os jovens começam a procurar terapias que

pregavam a libertação da sexualidade como caminho para atingir o bem estar psíquico e físico (RUSSO, 2008).

A partir do Movimento de Contracultura, o corpo foi redescoberto: na arte, na política, na ciência, e em outros espaços que até então não havia ocupado, como nas mídias (PRIORE, 1995; SANT'ANNA, 2000a; SANT'ANNA, 2000b). Neste cenário, ocorre conflito de gerações, entre aqueles do começo do século XX, que se acostumou a não falar sobre sexo, e os jovens do movimento que usufruíam de uma liberdade sexual (GIDDENS, 1993; SANT'ANNA, 2000a). Ao libertar-se de tantas censuras, o jovem da contemporaneidade possui uma vida sexual viril, entrando em choque com o adulto do século anterior, que viveu em um contexto sociocultural com outros comportamentos e valores. Esses adultos começam a usar o termo *tabu* para se referir à resistência ao tema sexo e à sexualidade (RUSSO, 2008).

A Contracultura produziu o enfraquecimento do poder religioso sobre o controle das práticas sexuais, intensificando a libertação sexual e a libertinagem do sexo, uma vez que o discurso vigente consentia nas mais variadas formas de expressão dele (LOURO, 2000; SANT'ANNA, 2000b). Por mais que o advento da Contracultura tenha permitido a discussão sobre as práticas sexuais na sociedade, esse é um assunto que ainda causa constrangimento e nojo ⁵(LOURO, 2000).

A partir disso, a mídia também começou a se preocupar com a exposição das práticas corporais, criando revistas especializadas em retratar o corpo, incluindo nisso também inúmeros fotógrafos e artistas plásticos dispostos a evidenciar o uso do corpo e a sua exposição. (SANT'ANNA, 2000b). São esses:

Corpos em pedaços, corpos híbridos, monstruosos, estereotipados, mas também corpos que mostravam sem pudor a homossexualidade, a velhice, as sinuosidades do desejo e do sofrimento cravadas na carne (SANT'ANNA, 2000b, p. 239).

Esses diversos corpos passam a serem explorados pela mídia, expostos pelas redes sociais, evidenciando a nudez, intocado por si próprio e tocado virtualmente pelos outros (CARRETEIRO, 2005; PRIORI, 1994). A relação humana passou simplesmente a ser mais um negócio a ser vendido (BAUMAN, 1998; CARRETEIRO, 2005). São os antigos tabus que passaram a ser ressignificados de outra maneira e se deslocaram para outras práticas sexuais. São os pudores do século passado fantasiados de liberdade sexual - a educação sexual de adolescentes -, que causa polêmica sempre que citada, evita-se falar sobre isso

⁵Tornou-se hábito ligar o sexo a algo ruim. Explico: costumeiramente utiliza-se de palavras voltadas ao campo sexual - foda-se, porra, caralho - como xingamentos.

abertamente ou às pessoas desconhecidas e a usar palavras que explicitam a sexualidade (GIDDENS, 2002; LOURO 2000).

Isso indica que as pessoas não são “tão modernas assim”, como sinaliza Giddens (1993). Um exemplo disso é a própria masturbação, o símbolo da liberdade sexual que fracassou, sendo essa prática bastante recomendada para aumentar a resposta sexual por ambos os sexos, e mesmo que as pessoas tenham se sentindo mais livres para fazê-lo, são julgadas quando compartilham dessa experiência socialmente (GIDDENS, 1993; LOURO 2000). Foucault (1998) diz que o sexo não está mais às escondidas na contemporaneidade, mas que se tornou algo a ser investigado constantemente pelas ciências em geral, pelos saberes populares, passando a fazer parte de um grande “sermão”⁶ Social, sempre as pessoas têm recomendações sobre o assunto e a sociedade tem seus argumentos para regular as práticas.

Bauman (1998) explica o que ele chama de segunda revolução do sexo: “o correlato cultural desse processo é o descascar do envolvimento romântico do amor erótico que lhe desnuda a substância sexual” (BAUMAN, 1998, p. 183). Também foi a mudança do amor romântico para o amor real, ou sobre as possibilidades de amor que não estejam atreladas somente aos contos de fadas que possibilitou a mudança das relações sexuais. A intimidade passou a ser vista como símbolo de poder, já que pressupõe mútua revelação, sendo que essa mudança de intimidade também influenciou na mudança dos encontros sexuais. Bauman (1998) e Giddens (1993) defendem que a relação sexual se isola das relações interpessoais, como se adquirisse outro patamar de relação. Nada resulta do encontro sexual, se não o próprio sexo. Ou seja, se as relações são consideradas investimentos que rendem algo, o encontro sexual não traz vantagens, salvo o próprio prazer sexual. Por isso não é tão investido como as relações que de outras ordens são.

Assim como as relações interpessoais mudaram, seja pelo advento da tecnologia, pela sua efemeridade ou pela rapidez com que a vida cotidiana segue, é fato também que a maneira com que as pessoas se relacionavam sexualmente também mudou (CARRETEIRO, 2005; LOURO, 2000). As relações sexuais passaram para um *status* diferente das relações interpessoais, porém, a mudança ocorreu em ambas desde o século anterior.

O homem hipermoderno se vangloria por estar sempre atualizado e pela produção de saber com tanta rapidez (BAUMAN, 1998; CARRETEIRO, 2005). É essa contemporaneidade que faz as relações mudarem: a urgência de tudo, a prioridade dada ao

⁶ Terminologia utilizada por Foucault em sua obra “História da sexualidade 2: O uso dos prazeres” referindo-se às práticas sexuais que ainda são julgadas moralmente.

ato sexual e uma ilusão de absoluto, permeiam as relações modernas⁷ (BAUMAN, 1998; CARRETEIRO, 2005; RAMOS, 2010). É certo que existe algo de bastante estranho nas relações atuais, que atingem também a sexualidade e as formas de expressão dela. Carretero (2005) nomeia esse adoecimento das relações, como uma patologia narcísica.

Essa patologia narcísica manifesta-se em forma de um adoecimento social. Isso ocorre, pois o fortalecimento do individualismo faz com que o sujeito pouco se engaje socialmente, no que se refere aos coletivos e a comunidade. O coletivo fragilizou-se e as relações interpessoais enfraqueceram-se. Existe simultaneamente a ideia de que o indivíduo é absoluto e a de que o sujeito “vive num cansaço de ser ele mesmo” (CARRETEIRO, 2005, p. 67). Esse adoecimento pode acarretar sérios problemas emocionais e fisiológicos às pessoas nascidas no século passado e que se viram diante de tantas mudanças de valores, paradigmas e comportamentos, como a exacerbação do individualismo (GIDDENS, 1993; LOURO 2000). Podem-se citar inclusive sintomas corporais como as disfunções conhecidas pela medicina: a dificuldade em ter orgasmos; a ejaculação precoce entre tantos outros; fontes de insatisfação que chegam aos consultórios (ROHDEN, 2009).

O argumento de que o corpo cultuado é alvo da erotização também é cheio de limites, sendo censurado qualquer assunto que o relacione ao campo sexual e à nudez, torna-se desconexo à semelhança da exposição erótica na mídia, das pessoas nas praias e nas redes sociais (SOARES, 2004, SANT’ANNA 2000b). Com isso, foi-se desvalorizando o autoconhecimento do corpo, o tocar-se, para focar no quanto os outros o conhecem via mídias sociais. Por exemplo, é aceitável o toque nas mamas quando se trata de cuidados voltados para a saúde, mas é tabu tocá-lo de maneira erotizada, ou seja, essa liberdade é parcial, visto que existe a possibilidade de autotoque, desde que seja para fins de saúde e não de prazer. Sendo assim, o discurso da libertação sexual se rompe depois de tantos paradoxos, que, ao modo de Foucault (1998), o discurso de libertação sexual também revela o mecanismo de poder que o controla.

Considerações Finais

Esse ensaio teórico faz um recorte para discutir a sexualidade, de início na modernidade, e, por conseguinte, na contemporaneidade/pós-modernidade. Também delimita o uso de autores da antropologia como Russo (2008), da sociologia como Giddens

⁷Bauman fala das relações modernas situadas na Contemporaneidade. Historicamente, são períodos divididos, porém, algumas correntes filosóficas utilizam a contemporaneidade como sinônimo de atualidade e modernidade como sinônimo de contemporaneidade, não utilizando da divisão proposta pela História, e proposta pelo presente trabalho.

(1993 e 2002) e filosofia como Bauman (1998) e Foucault (1987; 1998; 2005; 2008), teóricos esses utilizados amplamente em estudos e pesquisas no campo da psicologia em virtude da complexidade epistemológica das ciências psicológicas.

A respeito das construções dos discursos opressores - religiosos e/ou médicos - e dos discursos de liberdade – criado na década de 70 -, que se assemelham, na medida em que regulam e normatizam as práticas sexuais de alguma maneira. Essa cobrança social para que o sujeito se enquadre em “conservador” ou “progressista” quando se trata da expressão de sua própria sexualidade é uma das principais causas de procura de atendimento médico e psicológico. À partir disso, podemos pensar a respeito das práticas que o discurso médico regula, como, por exemplo, a quantidade de vezes em que se deve fazer sexo para ser considerado saudável, que mulheres não podem falar sobre masturbação feminina ou até mesmo sobre o uso de métodos contraceptivos, como a pílula que interfere na libido feminina (RUSSO, 2008; ROHDEN, 2009).

Pensar acerca da ilusão de liberdade sexual e na demanda social são importantes para que o psicólogo também repense nos Direitos Humanos, que defendem a expressão da sexualidade de maneira plena e as recomendações da OMS, visando à sexualidade como fator de qualidade de vida, questionando-se o que são essas recomendações da OMS que enquadram a sexualidade como prática a ser vivida plenamente, desconsiderando a singularidade do sujeito. Sugere-se que evitem cair na armadilha de defender o discurso de liberdade sexual e fazer disso uma norma aos sujeitos ditos conservadores. Cabe também a reflexão sobre os debates atuais sobre a *Cura Gay*⁸ e sobre as patologias que a expressão da sexualidade pode abarcar. A medicina já se encarrega de normatizar as práticas, que não seja a psicologia a ser mais uma ciência da saúde que vise um enquadramento de sintomas e comportamentos.

Em relação às limitações desse Ensaio Teórico é necessário afirmar que todo conhecimento é construído socialmente e situado em um tempo histórico. O presente trabalho se propôs a repensar os discursos sobre a sexualidade no início do século XXI, construindo historicamente argumentos para reconhecer a semelhança entre os discursos – da modernidade e da contemporaneidade – e da função de regulação social presente em ambos. Nada impede que em outro momento novos trabalhos influenciem, refutando ou acrescentando as argumentações apresentadas neste ensaio. Compreendemos as limitações dos estudos acadêmicos, sendo que diversos discursos sobre o mesmo tema conseguem aproximar-se desta discussão: o discurso médico, a psicanálise que possui

⁸ Projeto de lei criado pela bancada evangélica de deputados federais que propõe terapias que visam eliminar comportamentos e inclinações homossexuais.

vastos escritos sobre sexualidade, às filosofias orientais que possuem seus próprios conhecimentos sobre as práticas sexuais, entre outras tantas discussões que incluem a psicologia, a exemplo da nova Terapia de Reorientação Sexual que propõe uma psicoeducação sobre controlar sentimentos e inclinações homossexuais.

Por fim, acreditamos que esse trabalho fomente mais discussões sobre o tema, a fim de desconstruir a argumentação de que a liberdade sexual é vivida por todos e que exista essa liberdade defendida pelos movimentos da década de 1970 e corroborado pelos Direitos Humanos, abrindo um campo para pesquisas sobre como o psicólogo tem lidado com isso na sua prática, em relação às demandas de insatisfação sexual frente ao discurso de que todos somos libertos sexualmente para nos expressarmos.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CACCARELLI, P. R. Sexualidade e Preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia**, volume 3, São Paulo, 2000.

CARRETEIRO, T. C. Corpo e Contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, volume. 11, número 17, p. 62-76, jun. 2005; Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v11n17/v11n17a05.pdf>> acesso: 05/04/2016.

COSTA, V. M. M. Corpo e História. In: **Revista Ecos**; Edição nº 010 - Julho 2011. Disponível em <http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/245_Pag_Revista_Ecos_V-10_N-01_A-2011.pdf> acesso: 19/03/2016.

FOUCAULT, M. A incitação aos discursos. In: **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque, 8ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque, 8ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque, 8ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Neves, 8ª Ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalheite, 27ª Ed, Pétropolis: Vozes, 1987.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas relações modernas**. Trad. Magna Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

GIDDENS, A. Os contornos da alta modernidade. In: **Modernidade e identidade**, Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HOLANDA, A. B. **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 8ªed, São Paulo: Positivos, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeus da Silva, 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 3ªED, 2016.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial de Saúde**, Banco de Dados. Genebra: Organização Mundial de Saúde, 1999.

PRIORI, M. L. M. Dossiê: A história do corpo. In: **Anais do Museu Paulista**. volume, 3, São Paulo p.9-26 jan./dez. 1995, Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v3n1/a02v3n1.pdf> Acesso em : 05/04/2016.

PRIORI, M. L. M. **História do corpo e a Nova História: uma autópsia**. In: Revista USO, número 23, 1994. Acesso em: 19/03/2016.

RAMOS, C. Alguns apontamentos para se pensar a relação entre corpo e contemporaneidade. **A peste**, volume 2, número 2, p. 323-335, São Paulo jul./dez. 2010.

ROHDEN, F. Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação de diagnóstico das disfunções sexuais. **Estudos Feministas**, volume 17, Florianópolis, 2009.

RUSSO, J. A. Sexualidade e saúde: a produção médico-psicológica de uma vida sexual plena. 26ª **Reunião Brasileira de antropologia**, Porto Seguro, 2008.

SANT'ANNAa, D. B. As infinitas descobertas sobre o corpo. **Cadernos pagu** (14) 2000: pp.235-249.;

SANT'ANNAb, D. B. Descobrir o corpo: uma história sem fim. In: **Revista Educação e Realidade**, volume 25, numero 2, 2000. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46832/29117> Acesso em: 19/03/2016.

SANTI, P. L. **A construção do Eu na modernidade**. 5ªed, Holos: São Paulo,2005.

SOARES, C. L. *et al.* **Corpo e história**. 2ªed; Autores Associados: Campinas, 2004.